

# **Dinâmica De Trabalho E Seus Impactos Psicossociais – Experiência De Campo Com Agentes Penitenciários De Colinas Tocantins.**

*Dinámica del trabajo y sus impactos psicosociales: experiencia de campo  
con agentes penitenciarios de Colinas Tocantins.*

*Work Dynamics And Their Psychosocial Impacts - Field Experience With  
Penitentiary Agents From Colinas Tocantins.*

**Aline Soares Oliveira<sup>1</sup>**

**Edilson Barros de Macedo<sup>2</sup>**

**Ana Paula Santana Casoti<sup>3</sup>**

**Flávia Lima da Silva<sup>4</sup>**

**Giovanna de Oliveira Araújo<sup>5</sup>**

## **Resumo**

O trabalho aqui exposto refere-se a um relato de experiência sobre a fase de observação de um estágio acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade Integrada de Ensino Superior de Colinas Tocantins (FIESC/UNIESP), realizada na Casa de Prisão Provisória para pessoas do sexo masculino. Para tanto, utilizou-se um conjunto de instrumentos, como observação in lócus, aplicação de questionário e entrevistas individuais. Constatou-se que o ambiente penitenciário é insalutífero à saúde física e psicológica, havendo necessidade da criação de políticas públicas que atendam as necessidades do trabalhador no que diz respeito a capacitações e demandas de cunho psicossocial.

Palavras-Chave: Dinâmica de Trabalho, agente penitenciário, saúde física e psicossocial.

## **Resumen**

El trabajo expuesto aquí se refiere a un informe de experiencia sobre la fase de observación de una pasantía académica en el curso de Psicología en el Colegio Integrado de Educación Superior de Colinas Tocantins (FIESC / UNIESP), celebrado en la prisión provisional para personas del sexo masculino. Para ello, se utilizó un conjunto de instrumentos, como en la observación de locus, la aplicación de cuestionarios y entrevistas individuales. Se encontró que el ambiente carcelario es insalubre para la salud física y psicológica, con la necesidad de crear políticas públicas que satisfagan las necesidades de los trabajadores con respecto a la capacitación y las demandas de naturaleza psicossocial.

Palabras claves: Dinámica del trabajo, agente penitenciario, salud física y psicossocial.

## **Abstract**

The work exposed here refers to an experience report on the observation phase of an academic internship in the Psychology course at the Integrated College of Higher Education of Colinas Tocantins (FIESC / UNIESP), held

at the Provisional Prison House for people of the sex male. For this purpose, a set of instruments was used, such as observation in locus, application of a questionnaire and individual interviews. It was found that the prison environment is unsanitary to physical and psychological health, with the need to create public policies that meet the needs of the worker with regard to training and demands of a psychosocial nature.

Keywords: Work Dynamics, prison agent, physical and psychosocial health.

## **1. Introdução**

O trabalho aqui exposto refere-se a um relato de experiência sobre a fase de observação de um estágio acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade Integrada de Ensino Superior de Colinas Tocantins (FIESC/UNIESP), ocorrida no primeiro semestre de 2016, sendo o mesmo supervisionado e com ênfase Psicossocial. Nesta fase, que teve por finalidade a obtenção de informações para construção de um projeto de intervenção a ser executado no semestre seguinte, alunas do nono período de Psicologia passaram três meses, com frequência média semanal de dois dias, indo à Casa de Prisão Provisória da cidade supracitada. O objetivo foi coletar informações que pudessem elucidar a dinâmica de trabalho dos agentes penitenciários, compreensão dos seus impactos a saúde mental dos mesmos no que se reporta aos aspectos psicossociais, bem como as chamadas estratégias de enfrentamento utilizadas pelo grupo com intencionalidade gerar prazer, bem como minimizar sofrimento e/ou danos psíquicos.

Para tanto, tomando como embasamento a análise da rotina de trabalho do público alvo, criou-se um conjunto de instrumentos e estratégias, como observação in lócus, aplicação de questionários e entrevistas individuais. Ademais, primou-se pela observação holística em todos os momentos do estágio, atentando-se para questões como relacionamentos interpessoais, dinâmicas comportamentais dos agentes frente às demandas diárias e a construção dos vínculos entre os trabalhadores já citados e os presos da unidade.

Segundo Seligmann-Silva (1993 apud Lourenço, 2010, p. 41) A atuação profissional desenvolvida nos ambientes penitenciários consiste em uma série de situações que envolvem o perigo e risco de vida, do bem estar à saúde física e psíquica dos agentes de segurança penitenciária. Ademais, um grande autocontrole das emoções e sentimentos e grande responsabilidade em manter a segurança de vidas humanas, desempenhar atividades mesmo em situações de tensão, pressão e de conflitos, bem como de situações de manter a ordem, controle e disciplina dos detentos.

Sabe-se que o agente penitenciário realiza um serviço público de extrema importância social e de alta periculosidade, podendo o mesmo causar-lhe danos físicos e psíquicos, bem

como aos seus familiares e entes queridos que muitas vezes preocupados com questões atreladas a segurança limitam seus estilos de vida e socialização.

De acordo com Varella (2012), o indivíduo que se encontra em constante estado de alerta pode gerar um clima de estresse que vai estar presente em sua atuação profissional. Os autores Molina e Calvo, (2009), ainda acrescentam que o trabalho de agente de segurança pública em uma prisão pode ser considerado como uma das profissões mais perigosas, onde o indivíduo está exposto a riscos de vida e saúde, a tensão, pressão, estado de vigília no seu ambiente de trabalho, sendo aspectos de grande relevância para o aparecimento de sinais de estresse.

Da mesma forma, Silva e Suñe (2009) pontuaram que quando o indivíduo se encontra em um estado de tensão, pressão, pode sentir-se ansioso e nervoso, em várias ocasiões da sua rotina diária, como no seu ambiente de trabalho, social e familiar.

Os agentes penitenciários na realização de suas atividades no cotidiano de trabalho enfrentam várias situações conflitantes e desafiadoras, como as relacionadas à disciplina dos detentos, processos de interação e comunicação dos mesmos. Todavia, a maioria dos presos advém de contextos sociais e familiares onde às transgressões às leis e costumes são rotineiras. Dessa forma, embora havendo um esforço imódicico para manter a ordem, não são raros acontecimentos, em torno de questões atreladas a desavenças, presença de drogas e objetos ilegais nas celas, bem como as tentativas de fugas e rebeliões.

De acordo com Santos (2007 apud Lourenço, 2010) por mais que no espaço de trabalho os agentes penitenciários se relacionam e interagem com os outros profissionais, a proximidade e o contato com os detentos, em muitos casos evitados e regidos pela desconfiança, são muito presentes e intensos. Isto porque o labor neste ambiente é permeado constantemente por um conjunto de incertezas em tornos dos acontecimentos vindouros.

O agente penitenciário é de fato o responsável por disciplinar no âmbito da ressocialização dos presos, por meio de um convívio frequente com os mesmos. Contudo, faz-se necessário que este profissional seja imbuído a altura das demandas e necessidades do contexto. Além do mais, outra necessidade de apoio diz respeito à preocupação com sua saúde física e mental, tendo em vista os riscos do ambiente e suas extensões. Sobre isso, Dejours (1949, p. 45) fez ressalva ao afirmar que até indivíduos dotados de uma sólida estrutura psíquica podem ser vítimas de uma paralisia mental induzida pela organização do trabalho.

Em decorrência dos diversos fatores supracitados e fundamentados, pode-se afirmar ser comum que profissionais dessa área possam apresentar um elevado nível de estresse gerador de reflexos negativos na sua condição física e psíquica, acarretando-lhes diversos problemas, como agravo psicológico e alteração de convívio.

Tais consequências surgem em decorrência da ineficiência, por excesso de demandas, das chamadas estruturas de enfrentamento do estresse. Em torno dessa temática, Dejours (1987), afirmou que o estresse ocupacional é um grupo de problemas físicos e psicológicos que estão relacionados à incapacidade em lidar com as experiências e situações de pressão e tensão no trabalho, que pode trazer sofrimento ao indivíduo.

O trabalho aqui exposto não visa discutir exaustivamente os processos de trabalhos do agente penitenciário e seus impactos psicossociais. Na verdade, conforme supracitado, trata-se de uma experiência de estágio que pautada na diversidade de instrumentos, constatou a existência de fatores causadores de estresses e desgaste emocional ao agente penitenciário. Do mesmo modo, constatou a existência de estratégias de enfrentamento construídas coletivamente e individualmente eficazes e ineficazes, a depender do formato de construção e execução.

## **2. Contextualizando o Relato de Experiencia**

O local escolhido para a realização do estágio, conforme supra, foi à Casa de Prisão Provisória da cidade de Colinas do Tocantins, fundada por volta da década de 60, sendo um órgão pertencente à Secretária Estadual da Cidadania e Justiça (SECIJU/TO).

Na época do estágio, a instituição passava por uma reforma e tinha em sua estrutura física uma sala da diretoria, sala dos agentes, sala de interrogatório, duas salas para revistas íntimas, uma recepção, uma cozinha com dispensa, quatro banheiros e dois quartos destinados aos detentos do regime semiaberto. Outrossim dispunham de um diretor, dezenove agentes penitenciários, cognominados plantonistas que se alternavam em escalas de trabalho com duração de 24 horas, três auxiliares de serviços gerais e um auxiliar administrativo.

Neste período, a instituição abrigava apenas detentos do sexo masculino num total de cento e quatro, distribuídos em 06 celas direcionadas ao regime fechado, com uma média de 17 detentos por recinto. Ressalta-se que cada cela contava um banheiro e quatro camas de cimento.

### **3. Metodologia**

O estágio intitulado processo psicossocial, conforme supracitado é acadêmico obrigatório e executado por discentes do nono e décimo período do curso de Psicologia, sendo o mesmo dividido em duas fases, executadas durante dois semestres consecutivos. Assim sendo, após a definição da instituição os alunos vão ao campo para realização da primeira etapa, pautada unicamente na observação que é construída ao longo do processo por técnicas e estratégias de cunho psicossocial e correlatas à temática do estágio, respeitando-se sempre os princípios éticos da profissão.

Dessa forma, a primeira atividade, ou seja, a observação in lócus foi realizada com quinze agentes penitenciários, durante dois dias na semana com duração de três meses. A frequência semanal e durabilidade justificam-se pelo fato de que os dados obtidos fossem colhidos em diversos momentos e situações para que assim tivessem consistência e validade. Participaram dessa atividade como observadora, as três estagiárias que ficavam em média três horas diárias no campo de estágio, sempre no período vespertino.

Ressalta-se, que tal atividade foi executada pautada unicamente na observação holística das experiências e situações vivenciadas pelos trabalhadores envolvidos, sendo que todas as informações apercebidas eram anotadas em diário de campo. Posteriormente a cada observação as acadêmicas se reuniam em local reservado para compartilharem as percepções individuais e analisá-las a luz da Psicologia.

Objetivou-se com esta atividade a compreensão da dinâmica de trabalho dos agentes penitenciários, atentando-se para questões como infraestrutura física, recursos humanos, relacionamentos interpessoais e processos interativos entre os profissionais, detentos e seus familiares. Ademais, também foram observadas as estratégias de trabalho frente aos conflitos nascentes, bem como os impactos psicossociais diante da lida.

Segundo Zanelli (2002), a técnica de observação permite ao pesquisador estar dentro do ambiente, atentando-se a todos os detalhes e situações que ali ocorrem, de modo que possa entendê-lo como um todo, em sua complexidade e aspectos psicossociais.

A segunda atividade realizada foi à aplicação de um questionário semiestruturado aplicado a onze agentes penitenciários e elaborado a partir do modelo utilizado por Santos (2007) em sua pesquisa sobre o fenômeno da prisionização em agentes penitenciários do Estado do Paraná.

Ainda sobre o instrumento supracitado, o referido era composto por dezessete questões

abertas e fechadas sobre temáticas variadas, porém coerentes à temática do estágio, portanto, necessárias à compreensão do labor e seus impactos frente à estrutura psíquica do agente penitenciário. Dessa forma, perguntou-se sobre tempo de trabalho, carga horária, escala e intercalamento de funções. Além disto, abordaram-se temas em torno de relacionamentos interpessoais, estrutura física, satisfação quanto à profissão, problemas de saúde em decorrência do trabalho, bem como alterações comportamentais e de relacionamentos depois que passou a atuar na função pesquisada.

A terceira e última atividade foi à realização de entrevistas individuais, pautadas na técnica da escuta ativa e qualificada. Na oportunidade, os profissionais pesquisados puderam externalizar suas percepções em torno de questões envolvendo o ambiente de trabalho, estresse e seus fatores causadores, bem como os mecanismos de defesa e estratégias de enfrentamento ante aos danos psíquicos advindos do trabalho.

#### **4. Resultados e Discursões**

Com base nos procedimentos metodológicos supracitados, percebeu-se que o ambiente de trabalho apresenta riscos à saúde física e psicológica dos agentes penitenciários, não só em decorrência das fragilidades na infraestrutura física, mas também em decorrência das circunstâncias como rotina de trabalho com atividades repetitivas, estressantes e pautadas na desconfiança de constante possibilidade de adversidades como fugas, conflito entre os presos e a entrada de objetos indevidos via visitantes.

Por conta disso, os agentes mantêm-se em pleno estado de lucubração e medo, situações que exigem enormes gastos de energia psíquica, tentando em longo prazo em desequilíbrio emocionais e psicológicos, tendo em vista, que em muitos casos, essa rotina se repete fora do horário de trabalho, inclusive no seio familiar.

Correia (2006) salienta que há existência de vários riscos muito significativos que podem influenciar negativamente no bem estar dos agentes penitenciários, sendo que esses riscos fazem parte da profissão e que podem afetar sobre sua saúde física e psicológica e sua proteção, onde esses aspectos não têm como ser diminuídos, pois são característicos da atuação penitenciária, como as atividades repetitivas e a convivência com os detentos.

Outro fator observado, diz respeito à falta de capacitações a que os agentes estão submetidos, haja vista, a peculiaridade da função e seu curso labiríntico. Muitos profissionais, principalmente os não concursados, realidade bem comum na unidade observada, são

contratados para trabalharem como plantonistas e não recebem capacitações a contento.

Constatou-se também que a equipe de agentes, embora trabalhando em plantões alternados, possuem bons relacionamentos interpessoais vivenciados no trabalho e fora deste. Ademais, percebeu-se que os mesmos regem suas relações com base no companheirismo, delicadeza e respeito mútuo, sendo visíveis os impactos positivos dessa dinâmica relacional no labor diário. Aparentemente, trata-se de uma estratégia de defesa coletiva com objetivo de transformar sofrimento em prazer, tornando o trabalho menos oneroso e sofrível.

Para Mendes (1995), no que diz respeito à prática de atividades singulares, estas são implementadas por meio exercício da cooperação, sendo que a mesma não está prescrita, nem decretada, dependendo, portanto, da possibilidade de os agentes estabelecerem entre si relações intersubjetivas de confiança.

Trata-se de profissionais que mesmo exercendo uma atividade de extrema importância social, em alguns casos não percebem seu labor como relevante, tendo em vista o desprezo a que são submetidos no que se refere às carências em infraestrutura, preparo técnico e saúde mental.

Para Dejours (2012) à medida que a prática profissional é reconhecida e prestigiada, a atividade desenvolvida pelo trabalhador contribui positivamente na estruturação da personalidade do sujeito. No entanto, se essa prática profissional não edifica o indivíduo, pode acarretar sofrimento ao profissional. Sendo importante enfatizar isso pode vir a ocorrer devido à falta de reconhecimento e valorização das partes envolvidas.

No que diz respeito exclusivamente ao questionário aplicado, percebeu-se uma dificuldade por parte dos agentes em assumir algumas dificuldades para com o trabalho, em decorrência dos fatos já citados, como infraestrutura precária, falta de capacitação e dinâmica psicossocial das relações construídas sociais entre os mesmos e os internos.

De acordo com MENNOIAL et AL (2014), A segurança pública é um dos temas que vem ganhando destaque e sendo discutido nos últimos tempos, pois cada vez mais está crescendo o nível dos casos de violência, tanto nas grandes cidades como no interior. Contudo, ainda conforme o autor citado, mesmo com esse aumento da violência, o Sistema Penitenciário do Brasil tem apresentado muitos erros no que se refere ao modelo de tratamento feito com os detentos, as condições de trabalho dos profissionais que atuam nessa área, as dificuldades encontradas como a superlotação dos presos, situações internas conflitantes, a demanda muito grande em relação ao número de profissionais e a estrutura do ambiente.

Todavia, os demais procedimentos aplicados, constataram que o contato existente

entre presos e agentes é construído sob a égide da presunção e do medo. Isto, tendo em vista, não só a periculosidade dos presos e superlotação da unidade, mas também por conta da infraestrutura no local que termina por gerar insegurança e incertezas quanto aos acontecimentos vindouros. Ressalta-se que embora as dificuldades sejam visíveis, não foi constatado em momento algum desrespeito por parte dos agentes para com os direitos dos presos e seus familiares. Todos os profissionais se esforçam para atender adequadamente as demandas, ainda que não disponha dos instrumentos necessários e básicos.

Os agentes penitenciários, embora demonstrem postura altivez no que diz respeito as suas questões de trabalho e pessoais, demonstraram extrema necessidade de escuta para com suas demandas advindas do labor e das demais experiências diárias. Trata-se de profissionais que vivem sobrecarregados de experiências danosas a sua estrutura psíquica e que nem sempre dispõe de um espaço adequado para compartilhá-las.

Constatou-se, principalmente com base na terceira e última atividade, uma facilidade de expressão de conteúdos referentes às percepções sobre o trabalho e seus impactos psíquicos negativos e positivos. Dessa forma, muitos externaram que o ambiente penitenciário tem um clima pesado e ameaçador e que o grande desejo ao entrar no plantão é que este chegue logo ao final.

De acordo com Paschoal e Tamayo (2004 *apud* Santos e Cardoso, 2010, p. 246) os aspectos relacionados ao ambiente de trabalho que causam estresse, podem ser de duas origens tanto psicossociais ou físicas. Os de origem psicossociais são constituídos de fatores relacionados à atuação do trabalho, a rotina, ao desenvolvimento de atividades, ao relacionamento com os colegas de profissão e ao controle no trabalho.

## **5. Conclusões**

O ambiente penitenciário é constituído de diversos fatores visíveis e invisíveis, como a periculosidade, a estrutura física do ambiente, a rotina de trabalho repetitiva que possibilita o cansaço, a falta de recursos e de investimentos por parte da gestão, que juntos poderão suscitar o desenvolvimento do estresse e outras demandas de ordem psicossocial. Ademais, em decorrência das possibilidades constantes de ocorrências no local, o profissional encontra-se em constante estado de hiper vigilância, tornando suas horas de trabalho sobejamente infundáveis.

O trabalho penitenciário se baseia no contato com prisioneiros, seus entes queridos incluindo as famílias e amigos. Dessa forma, trata-se de um labor ladeado de perigos e conflitos, tendo em vista os riscos propínquos advindos dos modelos de relações aí

construídos, expectativas para com as mesmas e dinâmica dos processos interativos elaborados muitas vezes sob a égide da desconfiança, vingança e chantagem.

Destarte, toda estrutura se torna insalutífera, exigindo dos envolvidos, em especial do agente penitenciário, avivados gastos de energia psíquica com objetivo de manterem-se equilibrado e dentro das determinações éticas profissionais da categoria e instituição.

Trabalhar dentro de um ambiente penitenciário, ainda que a unidade de prisão provisória exige do profissional a constituição de um conjunto de estratégias e habilidades que possam tornar seus dias menos estressantes e penoso, sendo imprescindível que estas, em hipóteses algumas, desconsiderem a dinâmica de funcionamento institucional e dialogue coerentemente com as necessidades e demandas dos internos da unidade.

O agente penitenciário no exercício do seu labor enfrenta situações diárias para as quais nem sempre foi preparado e que demandam por soluções rápidas, isentas de subjetividade e totalmente atreladas às questões éticas e legais da sua função. Dessa forma, está sujeito aos problemas de saúde física e aos desgastes emocionais que se não ressignificados poderão ocasionar problemas de ordem psicológica.

Portanto, faz-se necessário a criação de políticas públicas voltadas a esta categoria profissional e que tenham por objetivo não apenas a ampliação e implementação de suas habilidades e qualidades profissionais, mas também o cuidado com sua saúde física e mental.

## **Referencias**

ANDRADE, S, D; BRITO, M, A (2015) Psicopatologias em Agentes Penitenciários: uma Relação entre Trabalho e Saúde. Jequié-BA. Acessado em Julho de 2016 em: <https://psicologado.com/psicopatologia/psicopatologias-em-agentes-penitenciarios-uma-relacao-entre-trabalho-e-saude>.

FERNANDES, C, L, A (2016) Qualidade de vida e estresse ocupacional em trabalhadores de presídios. Florianópolis-SC. Acessado em Agosto de 2016 em: <https://producaoonline.org.br/rpo/article/viewFile/2095/1383>.

LUIZ, T,A; MORAIS, M,V (2015) O Estresse e Suas Consequências Dentro de Instituição Penitenciária. Jundiaí – SP. Acessado em Junho de 2016 em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-organizacional/o-estresse-e-suas-consequencias-dentro-de-instituicao-penitenciaria>.

MENDES A, M, (1995) Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. Psicologia Ciência e Profissão. Pernambuco-PE. Acessado em Setembro de 2016 em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v15n1-3/09.pdf>.

MACHADO, S, H, S et al (2012) A técnica de observação em estudos de administração. Rio de Janeiro. Acessado em Julho de 2016 em: [http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad\\_2012/EPQ/Tema%2002/2012\\_EPQ482.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2012/EPQ/Tema%2002/2012_EPQ482.pdf).

SILVA, C, F, J (2010) Estresse ocupacional e suas principais causas e consequências. Rio de Janeiro. Acessado em Junho de 2016 em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/k213171.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k213171.pdf)

TSCHIEDEL, M, R; MONTEIRO, K, J (2013) Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. Acessado em Setembro de 2016 em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v18n3/13.pdf>.